

PRESENÇA PORTUGUESA EM SÃO PAULO

“Ó mar salgado, quanto de teu sal
são lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena?
Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abysmo deu,
Mas nelle é que espelhou o céu”.

Fernando Pessoa, Mar Portuguez

Introdução

A imigração portuguesa é assunto de fundamental importância para a compreensão da história do Brasil e, em particular, da história do Estado de São Paulo nos últimos dois séculos. Na historiografia, os trabalhos sobre esse tema começaram a surgir por volta da década de 1990 (Gladys Sabina Ribeiro, 1987; Maria Manuela Ramos de Sousa Silva, 1991, 1997; Eulália M. Lahmeyer Lobo, 1994; Maria Suzel Gil Frutuoso, 1990), mas apresentam, em sua maioria, sobretudo dados relativos à imigração portuguesa no Rio de Janeiro, e muito pouco sobre São Paulo. Desses trabalhos, o de Maria Suzel Gil Frutuoso, concentra-se no Estado de São Paulo, dedica-se aos portugueses da cidade de Santos. De todo modo, esses estudos ainda não conseguiram ultrapassar os muros da universidade, uma vez que, com exceção do trabalho de Eulália Lobo, nenhum outro foi transformado em livro. Entre os estudos mais recentes publicados registram-se: Rocha-Trindade, M. B. R., Campos, C. S. de S. (orgs.). *Olhares Luso-Brasileiros* (2003) e Pascal, M. A. M. *Portugueses em São Paulo: a face feminina da imigração* (2005). Em vista dessa lacuna, o presente estudo buscou elucidar a especificidade da imigração portuguesa no processo migratório para São Paulo, buscando fontes que possibilitassem refazer a trajetória desses imigrantes no Estado – onde atuaram, o que construíram, o que organizaram em termos de vida associativa.

Recuperar o processo migratório dos portugueses para o Estado de São Paulo é um trabalho que há muito se mostrava necessário. Maior ênfase foi dada à imigração portuguesa de meados do século XIX até a mais recente, ocorrida nos anos 1970. O trabalho, o cotidiano, a economia, a sociedade e, principalmente, a herança cultural, talvez uma das mais expressivas referências, foram retomados mediante depoimentos e testemunhos da comunidade portuguesa. Num entrelaçamento de Memória e História, construiu-se uma memória compartilhada, pois a história portuguesa se cruza com a história brasileira.

A partir de 1880, período conhecido como o da Grande Imigração, o Brasil tornou-se o principal destino do povo português, sendo o Estado de São Paulo o maior ponto de concentração dos imigrantes que iam trabalhar nas lavouras de café. A maioria das pessoas desconhece esse fato. Os registros da antiga Hospedaria de Imigrantes mostram que os milhares de portugueses, que por ali passaram, antes de se fixarem nas cidades,

foram trabalhar nos cafezais paulistas, o que desmistifica a idéia de que o português imigrou apenas para os centros urbanos. Outro fato aqui apresentado é que numericamente eles se aproximam dos italianos que formaram o maior grupo de imigrantes para o Brasil.

Pretende-se aqui preencher parte dessa lacuna em relação à imigração portuguesa no Estado de São Paulo, ou seja, a presença desses imigrantes no campo e na cidade, os principais setores onde atuaram, os setores onde predominaram – ou ainda predominam. Um ponto que não pode ser desprezado é a presença de cidadãos portugueses nas áreas da indústria e comércio, inicialmente com pequenos estabelecimentos que são, ainda hoje, controlados pelas famílias fundadoras. Encontramo-los em praticamente todos os ramos profissionais, mas já foram presença marcante no comércio varejista de secos e molhados, ferragem, louças, construção civil e na hotelaria, restaurantes, mercearia, quitandas, açougues e padarias.

Alguns deles construíram verdadeiros impérios, tornando-se grandes mitos da comunidade. A atuação de intelectuais aqui apresentada mostra o quão estereotipada é a imagem do português, visto apenas como comerciante, padeiro, açougueiro, homem ignorante, despreparado intelectualmente.

Outro aspecto que buscamos destacar é a presença dos portugueses nos movimentos sociais, organizações anarco-sindicalistas, sindicais, político-partidárias, na luta pela democracia no Brasil e em Portugal. Os portugueses, tidos como apáticos e pouco participativos, tiveram uma atuação muito importante desde o início do movimento operário nas cidades de São Paulo e Santos, principalmente a partir de meados dos anos 1920, período a que se refere a documentação do Fundo DEOPS/SP, que se encontra no Arquivo do Estado de São Paulo.

Este estudo é um marco significativo da presença portuguesa em São Paulo. Nele recorreu-se a diversos tipos de fontes: bibliográfica, documentos textuais e iconográficos de arquivos públicos e privados, objetos da cultura material, tendo sido gravados depoimentos orais de imigrantes e descendentes.

Desde o início de nossa pesquisa havia a preocupação de produzir uma obra sobre esse grupo étnico como um todo e não de forma fragmentada, como registra a historiografia brasileira, no interior da qual encontramos obras e pesquisas de cunho específico, sobre um ou outro aspecto dos portugueses. Queríamos incluir também uma visão de como eles se organizam na atualidade: as principais e mais antigas entidades e associações da comunidade, a vida cultural e a manutenção da tradição, as festas e comemorações, os grandes eventos e os grandes mitos. Temos consciência de que muitos aspectos e muitas pessoas ficaram de fora devido à vastidão do tema, que nos obrigou a inevitáveis escolhas.

Por meio dos depoimentos de portugueses e descendentes, foi possível recuperar trajetórias individuais, bem como características da coletividade. Estivemos atentos aos dados oficiais, às estatísticas, à grande História, mas também registramos as pequenas histórias, de pessoas comuns a comendadores, de modo a trazer à luz a contribuição dos portugueses que participaram da construção do Estado de São Paulo e do País. Na seleção dos depoentes, privilegiamos a diversidade profissional, presidentes de entidades que representam as divisões regionais e entidades culturais.

A pesquisa nos mostrou que a documentação sobre a imigração portuguesa é escassa e está dispersa nos arquivos públicos. A memória dessa comunidade, que no passado teve uma intensa atividade, foi praticamente perdida. Nos arquivos públicos ou mesmo nos arquivos das associações é raro encontrarmos um jornal ou documentos relativos à sua história. Das associações e jornais produzidos na comunidade na Primeira República, a maioria desapareceu sem deixar rastro. Sentíamo-nos como garimpadores de cacos em busca de uma memória quase extinta.

Em São Paulo, a pesquisa foi realizada principalmente no Arquivo do Estado de São Paulo, no Museu da Imigração/Memorial do Imigrante – que guarda toda a documentação relativa à antiga Hospedaria dos Imigrantes –, no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, na Associação Comercial de São Paulo, no Centro de Memória da Unicamp, na Biblioteca Mário de Andrade, na Biblioteca do Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo, na Biblioteca do Departamento de História da USP, na Faculdade de Economia da USP, no IBGE, na Biblioteca do Clube Português, na Biblioteca da Casa de Portugal de São Paulo, entre outros. Em Portugal, foram consultados o Arquivo Distrital e Arquivo Municipal do Porto, o Centro de Documentação da Universidade de Coimbra, a Biblioteca Municipal de Lousã, o Centro Português de Fotografia do Porto e Lisboa e a Torre do Tombo.

As origens do Estado português e a construção de seu Império, que incluiu o descobrimento do Brasil, constituem a base para um melhor entendimento da nossa própria formação. O papel de Portugal naquele momento da história não foi insignificante – esse pequeno país mudou a configuração do mundo, num desempenho sem paralelo na história da humanidade.

Colonizadores a princípio, imigrantes estrangeiros após 1822, os laços que nos unem a Portugal jamais se afrouxaram. Dos fidalgos, dos sacerdotes, dos militares, dos colonos e lavradores, dos artífices e artesãos, e até mesmo dos degredados, a herança que recebemos, reforçada posteriormente com os imigrantes, está presente até os dias de hoje.

Considerando imigrantes e descendentes, a comunidade luso-brasileira é estimada em mais de 4 milhões de pessoas em São Paulo. Não encontramos, porém, estatísticas oficiais, não há indícios de levantamentos realizados. O Consulado Geral de Portugal em São Paulo tem registrados apenas 150 mil portugueses, número que está longe da realidade. Muitos portugueses se naturalizaram ou faleceram. Acredita-se que vivam na cidade de São Paulo cerca de 600 mil portugueses, o que faria dela a segunda maior cidade portuguesa do mundo, superada apenas por Lisboa. A comunidade portuguesa em São Paulo é significativa, embora não tenha visibilidade para a grande imprensa e para a sociedade civil.

Boa parte da população portuguesa encontra-se em outros países: além do Brasil: África do Sul, Alemanha, França, Suíça, Estados Unidos, Canadá, Venezuela. A imigração foi – e ainda é – muito importante para Portugal, que dela obtém parte considerável de sua receita.

Apesar de bastante integrados à sociedade brasileira (até pela facilidade do idioma), os portugueses cultivam e passam a seus filhos os costumes e valores mais marcantes da

sua cultura. E também se organizam como grupo étnico, em suas entidades e associações culturais.

A pesquisa evidenciou que uma característica do imigrante português é que ele nunca esquece a sua pátria, voltando, sempre que pode, à *terrinha*. Mesmo aqueles de poder socioeconômico menor, ao menos uma vez mais na vida retornam a Portugal. Credita-se ao português uma natureza sentimental, até mesmo um forte atavismo, é um povo feito de saudade. Esses são temas constantes na música portuguesa, sobretudo no fado¹. Acostumados, desde as viagens dos descobrimentos, a partidas e despedidas, à melancolia daqueles que partiam e dos que ficavam, a abandonos, viagens, tragédias, drama, enriqueceram sua literatura com tais temas – *Os Lusíadas*, de Luís de Camões; *Mar Português*, de Fernando Pessoa, entre outros.

Os portugueses se integraram à sociedade brasileira e conquistaram a sua credibilidade. Mas eles também se apegaram à nova pátria. Relatou-nos um imigrante que, apesar de se sentir `100% português`, de amar Portugal, ele sente a mesma emoção ao escutar o hino nacional brasileiro. Uma dupla e inevitável identidade reconstruída.

Contudo, ao longo dos séculos, decerto em virtude da relação colonizado/colonizador, surgiu às vezes um sentimento de amor e ódio, que a história busca explicar. O antilusitanismo nasceu logo após a Independência, com o surgimento de duas categorias, brasileiros e portugueses, e continuou pelo século XIX adiante, tendo a literatura colaborado com a imagem negativa do português. O romance de Aluísio de Azevedo, *O Cortiço*, de 1890, é um bom exemplo disso. Na obra, os portugueses são acusados de usura, de praticar preços altos, cobrar um alto aluguel nos cortiços, especular, roubar nos pesos e medidas, além de serem apresentados como burros, sujeitos e motivo de piadas.

Apesar da estreita relação histórica de Portugal com o Brasil, aos jovens brasileiros pouco se ensina sobre a história e a cultura portuguesas. Os nossos livros didáticos apresentam uma visão equivocada e, às vezes, preconceituosa dos portugueses no Brasil. Não se ensina aos estudantes, de forma adequada, que deles nós herdamos a língua e a cultura. É certo que a cultura brasileira representa uma síntese de diversas culturas – indígena, africana, portuguesa e, mais tarde, de outros povos da Europa, do Oriente Médio e da Ásia –, mas os portugueses, devido às levas sucessivas de imigrantes, foram os desencadeadores da miscigenação entre nós, cuja intensidade de cruzamento entre grupos étnicos não existe em lugar nenhum do mundo.

De tal maneira Portugal se entranhou no Brasil, que ignoramos o quanto da cultura brasileira tem de origem portuguesa. Muito do que nos cerca, muito do que fazemos e em que acreditamos é herança portuguesa, da colcha de retalhos aos doces. Persiste em nosso imaginário um Portugal antigo (atrasado, para muitos), das aldeias, mulheres de preto, xales, casas de pedra, videiras, tradição distante da nossa cultura "moderna" e americanizada. Diferentemente do Brasil, onde não se preservam adequadamente a memória e a própria história, pudemos perceber, em viagem recente, o quanto Portugal respeita a sua história e as suas tradições, que parecem bem integradas com o moderno e o contemporâneo.

¹ Fado, do latim *fatum*, que significa destino.

O Brasil pertence à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Criada em 1996, é integrada também por Portugal, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Timor Leste. Os ministros das Relações Exteriores dos países da CPLP assinaram seis acordos para facilitar a emissão de vistos e a circulação de pessoas entre os países que integram a organização e de seus programas de cooperação. No quadro a seguir, encontram-se os países que falam a língua portuguesa no mundo, o que não exclui, em vários deles, o uso cotidiano de dialetos locais.

População que fala a língua portuguesa no mundo²

País	População	Ano
Angola	13.900.000	2002
Brasil	169.799.170	2000
Cabo Verde	434.263	2000
Goa ³	1.170.000	-
Guiné-Bissau	1.315.222	2001
Macau	444.000	2003
Moçambique	18.600.000	2001
Portugal	10.356.000	2001
São Tomé e Príncipe	137.599	2001
Timor-Leste	750.000	2001
Total	216.906.254	-

Portugal, por sua vez, tornou-se também um país de imigração para os brasileiros nas últimas décadas do século XX. A grave situação econômica no Brasil tem levado muitos a emigrar. Embora o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) português tenha emitido visto de permanência para cerca de 1.500 brasileiros ilegais, 30 mil pessoas apresentaram-se àquele serviço.⁴

A visita do presidente da República Portuguesa, Jorge Sampaio, ao Brasil no final de novembro de 2003, foi fundamentalmente de interesse econômico, embora ele tenha vindo também acompanhado pelo ministro da Cultura. Em sua passagem por São Paulo, Sampaio participou do II Congresso Empresarial Brasil-Portugal, durante o qual foi

² Fontes: Brasil (www.ibge.com.br); Portugal (www.ine.pt); Macau (www.macao.gov.mo/factsheet); Moçambique (www.ipad.mne.gov.pt); Angola, Cabo Verde, Goa, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (www.terraviva.pt/Enseada/1347).

³ Línguas: hindi (oficial), inglês, concanim, português, este geralmente falado apenas pelos mais idosos. O idioma português está desaparecendo rapidamente de Goa. Atualmente, ele é falado por um pequeno setor das famílias mais abastadas e apenas 3% a 5% da população o continua falando (estima-se de 30 a 50 mil pessoas). Nas escolas da Índia ele é ensinado como a terceira língua (não obrigatória). Existe um departamento de português na Universidade de Goa, e a *Fundação do Oriente* e a *Sociedade de Amizade Indo-Portuguesa* ainda estão em atividade. O último jornal em língua portuguesa foi publicado na década de 1980.

⁴ O processo de regularização dos brasileiros ilegais e que fizeram um registro prévio teve início em 20 de outubro de 2003. Para obterem visto de permanência eles têm de se apresentar com passaporte válido, visto de entrada e dinheiro para pagar as multas. Quem não tiver visto tem que provar que entrou em Portugal antes de 11 de julho, data em que Brasil e Portugal assinaram um acordo para regularizar a cidadania nos dois países. Cf. Portugal em Foco. Rio de Janeiro, 20-26/11/2003, p. 7.

assinado o ato constitutivo do Conselho Sul-Americano das Câmaras Portuguesas de Comércio, criado para apoiar empresários portugueses na região. O Ministro da Cultura de Portugal, durante essa viagem, afirmou que seu país quer reforço do intercâmbio com o Brasil e propôs que os dois países se aproximem, para que possam reconhecer não apenas o que têm em comum, mas sobretudo suas diferenças culturais.⁵ Dessa visita ficou acertada com o governo brasileiro a criação de comissões mistas para organizar a comemoração conjunta de datas históricas que envolvam os dois países.

A presença portuguesa no Brasil antes de 1822

Portugal é um país de emigração. Acredita-se que hoje vivam mais de 5 milhões de portugueses fora do país, principalmente na França, Brasil, nos Estados Unidos e Canadá. Desde que os portugueses se lançaram na aventura dos descobrimentos, fincaram os pés em suas conquistas, explorando e colonizando as novas terras em busca de melhores condições de vida.

Desde o "descobrimento" do Brasil, em 22 de abril de 1500, os portugueses começaram a vir para a colônia. Nos primeiros 30 anos, enviaram expedições de reconhecimento e defesa da costa, tendo a colonização propriamente dita se iniciado a partir de 1532, quando aqui chegou a primeira expedição colonizadora, comandada por Martim Afonso de Souza, com 400 pessoas. Fundaram a primeira vila brasileira – São Vicente, litoral de São Paulo, introduziram o cultivo da cana-de-açúcar e construíram o primeiro engenho.

Por mais de três séculos (1500 a 1822), o Brasil integrou o Reino de Portugal. Durante esse período a vinda de portugueses para a colônia foi constante. Eram lavradores, artífices, artesãos, fidalgos, padres e degredados – criminosos ou políticos contrários ao governo, que cumpriam penas no Brasil ou na África. Em 1640, a população do Brasil foi estimada em 150 mil habitantes, entre índios aculturados, negros e mestiços, portugueses e raros europeus de outras nacionalidades.

Temendo o despovoamento do Reino, a Coroa portuguesa tomou medidas para reduzir a emigração para o Brasil, mas, na ocasião, ela aumentou ainda mais com a descoberta das minas de ouro. Apesar das restrições, muitas famílias dos arquipélagos dos Açores e Madeira chegaram às cidades do norte do País.

Em 1744, para povoar os atuais Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o governo português trouxe um contingente de açorianos, criando uma das primeiras entradas organizadas com essa finalidade.

Com o declínio da atividade mineradora no final do século XVIII, a entrada de portugueses foi reduzida e se manteve em níveis baixos até as primeiras décadas do século XIX. Com a vinda da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro em 1808, operaram-se mudanças sociais, econômicas e culturais na vida da colônia. A primeira e uma das mais significativas foi a abertura, por D. João VI, dos portos brasileiros às nações amigas, favorecendo assim a livre entrada de estrangeiros. Na década de 1820, visando ao povoamento de algumas regiões, colônias de alemães, austríacos e suíços foram criadas no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

⁵ Cf. Arantes, Silvana. Portugal quer reforço do intercâmbio com o Brasil. *Folha de S. Paulo*, 18 nov. 2003, p. 2E.

O grito "Independência ou morte!", dado por D. Pedro I, às margens do Ipiranga, em 7 de setembro de 1822, representa um marco fundador do Estado brasileiro. A partir de então os portugueses foram considerados estrangeiros no Brasil.

A presença portuguesa em São Paulo até a primeira metade do século XIX

As memórias de Francisco de Assis Vieira Bueno⁶ nos dão uma rica imagem da cidade de São Paulo a partir dos anos 1830. Segundo o memorialista, as atividades econômicas limitavam-se à plantação da mandioca e de poucos cereais, pobre também era a atividade pastoril. O comércio de exportação da província era alimentado pelo açúcar produzido no interior e transportado por mulas que atravessavam a cidade em direção ao porto de Santos. Por essa razão, alguns paulistas conseguiram fazer fortuna no comércio de animais trazidos do Rio Grande do Sul e vendidos nas feiras de Sorocaba. O comércio de tecidos, bebidas e alimentos estava todo na mão de portugueses e atendia a uma população de 15 a 20 mil pessoas. O vinho, bom e barato, segundo o memorialista, era vendido por Chico Ilhéu, no Largo da Sé, mas a maior parte das pessoas gostava mais da aguardente, a `branca`, sobretudo da Caninha do Ó.

A cidade tinha poucas ruas empedradas e o calçamento era péssimo, faltavam estradas e meios de transporte. A iluminação era feita com lampiões colocados nas principais ruas, alimentados com azeite de peixe, sendo muito comum, nas noites sem lua pisar-se em sapos que saíam do cano de esgoto das águas pluviais ou, então, deparar-se com cobras. O abastecimento de água era feito por chafarizes; um deles, no Largo da Misericórdia, vivia rodeado de escravos com seus potes de barro. Parte da população recorria ao Tamanduateí, onde se lavava muita roupa e se faziam muitos despejos, que comprometiam a pureza da água. Não havia mercados para o comércio de gêneros alimentícios, hortaliças e frutas; tudo era vendido nas ruas pelas pretas do tabuleiro ou pelos caipiras (matutos) que vinham dos sítios vizinhos. Na quitanda, uma espécie de feira ao ar livre, em que negras sentadas a um lado da rua, ofereciam quitutes diversos dispostos em tabuleiros; encontrava-se grande variedade de doces, biscoitos, amendoim torrado, pinhão cozido, e outras gulodices apreciadas pela "arraia miúda". Tomava-se mais o chá, que era barato e importado pelos portugueses diretamente da Ásia. Somente para os tropeiros havia as albergarias, situadas nas entradas da povoação, que consistiam em fileiras de quartos contíguos, de uma só porta e sem janelas, em cujos terreiros estacionavam os burros que serviam às tropas e à carga.

Em meados do século XIX, viviam na provinciana cidade de São Paulo cerca de 15 mil habitantes, entre os quais poucos estrangeiros, sendo a maioria portugueses. Situada entre os córregos Tamanduateí e Anhangabaú, a cidade tinha como limites, de um lado, a Praça João Mendes (antiga Praça São Gonçalo); e do outro, a atual Praça Ramos de Azevedo, que naquele tempo, era a chácara do Barão de Itapetininga – um dos paulistas mais ricos da época. A cidade avançava para a Rua da Glória - caminho para Santos - e a Rua do Brás - caminho para a corte.

"Há um século São Paulo era uma cidade bem pequenina, carrancuda e reservada, de gente muito religiosa, e em que o tratamento corrente era a segunda pessoa do plural, vós e o vosso, mesmo de pai para filho e de irmão

⁶ Cf. Bueno, Francisco de Assis Vieira. *A cidade de São Paulo: recordações evocadas de memória*. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1976. p. 13-43.

para irmão; em que as mulheres só apareciam às visitas quando estas se compunham de senhoras; em que os nomes das ruas eram esquisitíssimos. A atual Quintino Bocaiuva, por exemplo, se chamou rua do Canto da Misericórdia para o Campo da Fôrca, depois da rua da Cruz Preta e depois rua do Príncipe; a Brigadeiro Tobias era a rua Alegre; a rua do Comercio rua do Inferno".⁷

Ao comparar os dados anteriores com os apresentados abaixo, de João Felix Pereira, na obra *Chorographia do Brasil*⁸, publicada em 1854, percebemos que a população da cidade de São Paulo não representava sequer 5% da população total da província, em meados do século XIX:

População da Província de São Paulo em 1814

Homens brancos.....	53,653
Mulheres brancas.....	50,297
Homens livres, índios e mestiços	21,074
Mulheres livres, índias e mestiças.....	22,979
Homens livres, pretos	1,771
Mulheres livres, pretas.....	2,179
Homens escravos	25,605
Mulheres escravas.....	21,806
TOTAL	199,364

De acordo com a mesma obra, em outro recenseamento, realizado em 1829, constava a província com uma população de 306.581 indivíduos, repartidos nas seguintes categorias:

Homens livres	105,741
Mulheres livres.....	110,128
Homens escravos	54,581
Mulheres escravas.....	36,131
TOTAL	306.581

Em 1833, dois anos depois da abdicação do imperador D. Pedro I, a população chegava a 320.000 habitantes e, em 1854 (data da publicação da obra citada), era avaliada em 360.000.

⁷ Ferreira, Tito Lívio. *Histórico das festas centenárias da Beneficência Portuguesa de São Paulo*. São Paulo : Saraiva, 1962. p. 18-19.

⁸ Cf. PEREIRA, João Felix. *Chorographia do Brasil*. Lisboa: Imprensa Evangelista. 1854. p. 252-253.

